

RETURN TO EARTH de Rita GT

Estar no tempo

A polissemia da expressão Return to Earth (regresso à Terra) delimita e expande o território em que Rita GT se movimenta na sua primeira exposição individual na Galeria Belo-Galsterer, com colaboração do colectivo Pipi Colonial. Dessa pluralidade semântica faz parte uma ideia - e uma prática - cinética substancial e produtiva, de viagem e transição entre lugares e momentos que contraria, contudo, dinâmicas de desaparego, desprendimento ou ligeireza de pertença. O regresso, em toda a sua ontologia (e também axiologia), é apresentado enquanto modelo de pertença efectiva e afectiva, orientando os diversos processos artísticos presentes em Return to Earth.

A terra (barro), enquanto materialidade artística resgatada – de uma historiografia da arte que hierarquizou artes decorativas e belas-artes, arte e artesanato –, insinua-se como elemento em que problemas identitários (de género, etnia, nacionalidade, localidade, classe) se articulam organicamente através de procedimentos de inclusão, justaposição, convivialidade e atrito material. O barro é, assim, a matéria moldável, ou entidade-identidade em negociação, que revela a plasticidade das possibilidades de regresso.

Regressar implica, pois, um re-politizar de forma solidária o futuro – a sua possibilidade e qualidade – a partir de um presente atravessado pela consciência de que todas as temporalidades são interdependentes. Contrariando uma lógica modernista de progresso, regressar implica também não projectar o futuro enquanto dinâmica egofiliada e esvaziada de responsabilidade política e social, mas gerá-lo a partir de posições éticas e estéticas empáticas, na certeza do que nele é incerto. A obra de Rita GT projecta lugares em co-construção, ou seja um fazer com os outros, humanos e não humanos, para estar no tempo. A sua prática artística epitomiza o posicionamento interseccional no mundo, problematizando, porque reconhecendo, os binarismos de género, etnia, classe social, a sua sobreposição e consequências (des)humanas. GT regressa a estas disposições binárias, ao mesmo tempo que as tenta dissolver e moldar através do gesto conjunto e familiar.

Regressar à terra, em português, remete, igualmente, para o retorno ao lar, a lugares de familiaridade e (des)conforto onde os afectos guiam a complexidade quotidiana e ampliam todas as suas possibilidades. Return to Earth revela as diferentes camadas biográficas da artista, as suas subjectividades múltiplas, enquanto mulher, mãe, artista e o modo como estas concorrem para um gesto artístico que se insurge contra formulações binárias e normativas. As viagens que Rita GT realizou, em geografias (Angola e Portugal) e técnicas plásticas diversas, e que deram origem a esta exposição, permitiram distintos e difíceis regressos, ancorados sempre em dinâmicas colaborativas que amplificam as possibilidades de experimentação e actuação ético-política.

RETURN TO EARTH by Rita GT

Rita GT (Porto, 1980) Vive e trabalha em Luanda, Angola.

Licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2003), desenvolve o Mestrado em Belas-Artes na Malmö Art Academy – Lund University em Malmö, na Suécia.

Em 2017 participa na 1ª Bienal de Lagos “On the Edge”, com direcção artística do Nigeriano Folakunle Oshun.

Interventiva e crítica, nas mensagens que transmite com a sua obra, a artista aborda temas como: a memória, a identidade ou a importância da defesa dos direitos humanos. O facto de ter vivido em diferentes países faz com que tenha uma visão alargada, equacionando e valorizando diferentes culturas e pontos de vista da história. A simbologia colonial a que recorre frequentemente, define a sua identidade e linguagem artística. Através da imagem, da palavra ou da performance, revela uma postura de constante questionamento e experimentalismo, tanto material, como conceptual.

Exposições individuais em que apresentou a sua obra: Echos on the Wall: We Shall Overcome!, Museu do Chiado (2015); Faces (Caras não Caras), Instituto Camões, Luanda (2014); AIR African Industrial Revolution, UNAP, Luanda (colaboração com Francisco Vidal)(2012); Agora a seguir e como, Bienal de Viana do Castelo (2010); One Night [life] Event, Empty Cube, Lisboa (2009); Made in Europe: 10 Year Warranty, Galeria Reflexus, Porto (2009); Tropicalismos Luso e outras Naturezas Mortas, PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2007).

Exposições colectivas que se destacam: Summer Exhibition, Royal Academy of Arts London, Londres (2017); Paperworks IV, Galeria Belo-Galsterer, Lisboa (2017), ARCO Lisboa 2017 (com Galeria Belo-Galsterer), Cordoaria Nacional, Lisboa; Tiwani Gallery, Londres (2015); KunstKraftWerk, Leipzig & Freies Museum/Savvy Contemporary, Berlim (2015); Museu do Chiado, Lisboa (2013); Arts on Main, Goethe Institut, Joanesburgo (2013); Soso Contemporary African Art Gallery, Luanda (2012); Tatoli Ba Kultura, Díli (2011); CCB Coleção Berardo, Lisboa (2009); Museu da História Natural, Lisboa (2007).

A artista é co-fundadora do projecto e-studio e integra o colectivo Studio Candonga com base em Luanda, juntamente com o artista Francisco Vidal. Em 2015 fez parte do comissariado do Pavilhão de Angola, na 56ª Bienal de Veneza.

Participou em diversas residências artísticas, entre elas: programa INOV-Art, residência Capacete, Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil (2007-8) e Galeria ZDB, Lisboa (2006-7). Em 2013 recebeu o prémio Moving Africa por parte do Goethe Institut, através da Wits University, Joanesburgo, África do Sul.

A sua obra encontra-se representada nas seguintes coleções: Fundação PLMJ (PT); MNAC – Museu Chiado (PT); Coleção Norlinda e José Lima (PT); Instituto Camões - Luanda (AO), e várias coleções privadas nacionais e internacionais.

*** Pipi Colonial**

Pipi Colonial é um colectivo formado em 2016 pelas investigadoras Ana Cristina Cachola, Daniela Agostinho e Joana Mayer que se expressa através da curadoria, da programação e da produção de pensamento crítico. O objectivo do Pipi Colonial é reflectir sobre as relações entre género e colonialidade a partir de uma perspectiva feminista interseccional. O colectivo procura dar visibilidade à presença colonial, isto é, ao legado do passado colonial na contemporaneidade, nomeadamente através de novas configurações de colonialidade capitalista e belicista, e à forma como estes legados condicionam e se articulam através de categorias de género.